

A recriação do lugar

NOVE ARTISTAS PORTUGUESES
NUMA EXPOSIÇÃO QUE DIALOGA
COM O ESPAÇO ENVOLVENTE

TEXTO DE CELSO MARTINS

SE, NO ESSENCIAL da sua lógica, a operação Art Algarve, que integra o evento Allgarve 09, permanece uma operação turística e económica, alguns aspectos positivos são de assinalar na presente edição, coordenada por Guta Moura Guedes. Os horários das exposições foram alargados para horas mais consentâneas com a época balnear (com fechos às 23h); as exposições englobam um maior número de obras inéditas; e o número de instituições participantes aumentou, contando agora com a Fundação de Serralves, o Centro de Artes Visuais de Coimbra, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu Coleção Berardo, o BES Art e a Caixa Geral de Depósitos (CGD).

Foi a partir da coleção desta última, e comissariada por João Silvério, que se produziu "A Luz, Por Dentro", uma exposição instalada no carismático (e a precisar de restauro) palacete da Quinta da Fonte da Pipa, em Loulé, e que reúne obras de nove artistas portugueses.



A LUZ, POR DENTRO
Quinta da Fonte
da Pipa, Loulé
até 27 de Setembro



"SEM TÍTULO", obra
de José Pedro Croft na
exposição "A Luz, Por
Dentro", em Loulé

Uma das virtudes desta mostra é um factor que com frequência falta às exposições do Allgarve e mesmo a outras apresentações mais abrangentes da colecção da CGD: a capacidade de gerar relações significativas com o lugar de inserção, como acontece aqui, com trabalhos especialmente encomendados a Arminda Duarte, Luísa Cunha e José Pedro Croft. A primeira apresenta obras de uma particular delicadeza, como uma paisagem no chão feita em linha e o inédito "Meio Caminho", um corredor sem saída feito em frágeis ripas de madeira instalado no jardim do palácio. "Sweet Bloody Life", de Luísa Cunha, é uma obra particularmente impressionante, pelo efeito sonoro produzido (uma sala vazia que, ciclicamente, é varrida pelo som de um tiro). E "Sem Título", de José Pedro Croft, que com recurso aos espelhos reencena e reinventa uma das salas do palácio, é um excelente exemplo de como se pode aproveitar as condições de um espaço preexistente e

simultaneamente acrescentar novos dados criativos a um já longo percurso pessoal.

Depois, há ainda trabalhos de artistas que vêm marcando a arte portuguesa dos últimos dez anos, como "Berlin Zoo, Part 02", um vídeo de 2002, importante no trajecto de Filipa César; "My Bloody Valentine", de 2000, de Rui Toscano, que mostra sublimes imagens de céus com uma banda sonora que é um clima musical contínuo e quase insuportável; o filme "Shoe 1", de 2000, literalmente realizado com desenhos animados de Jorge Queirós; ou a disfuncional mesa de pingue-pongue de Ricardo Jacinto. A estes juntam-se trabalhos de Bruno Pacheco e João Paulo Feliciano, numa mostra que revela, simultaneamente, uma escolha cuidada de obras e um curto mas representativo panorama da arte portuguesa actual, que inclui algumas surpresas gratificantes.

(O Expresso viajou a convite
do Turismo de Portugal)